



paraíso agora!

gustavo simões

Na década de 1960, mais especificamente, a partir de 1964, quando foram expulsos dos Estados Unidos pelo governo de Lyndon Johnson, o Living Theatre, pouco a pouco, avançou libertariamente sobre o continente europeu. Segundo Ilion Troya, a experiência do outro lado do Atlântico intensificou rapidamente a prática anarquista do grupo. Sob o rescaldo da montagem de *Mysteries and Smaller Pieces*, espetáculo quase sem palavras e que visava por meio de movimentos e gestos um modo de abolir as fronteiras entre as nações, “o grupo se transforma em coletivo (...) cada membro contribui com a sua única qualidade (...) participando do processo de encenação”¹.

Para Troya, naquele instante, as maneiras do Living Theatre apresentar as peças foram transformadas, pois, para além de uma prática coletiva de trabalho, os modos de estar em cena “permitem aos atores representar a si mesmos e não mais personagens de ficção”². Contudo, foi somente depois de *As Criadas*, de Jean Genet, e *Antígona*, de Sófocles, que o Living Theatre finalmente apresentou *Paradise Now*³, em 1968, montagem na qual,

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.



aliada à abolição da representação iniciada com *Mysteries*, o coletivo incorporou a plateia na ação. Entretanto, no mesmo ano de 1968, na Sicília, antes do espetáculo ganhar as ruas, no intervalo de um ensaio, Julian Beck e Judith Malina assistiram pela televisão a irrupção do fogo em Paris, nas manifestações que tomaram ruas, parques, universidades. Não tardou para embarcarem rumo à capital francesa, onde chegaram no 12 de maio. Depois de cancelado um contrato para a gravação em filme de algumas peças, entraram na Sorbonne, deixando marca singular em maio de 1968.

Malina e Beck, de imediato, tomaram parte nos protestos levados adiante, em especial, pelos estudantes. E foi ali, no interior do espaço da universidade, enquanto alguns propunham ocupar a Torre Eiffel, o Folies Bergère ou o Museu do Louvre, que convenceram certos artistas e estudantes que o Teatro Odeon — dirigido por Jean Louis Barrault, amigo de Antonin Artaud — era alvo mais preciso e precioso. Em 15 de maio, balançando bandeiras negras da anarquia, acompanhados de insurretos, estudantes insurgentes, trabalhadores e atores, Malina e Beck iniciaram as atividades no histórico edifício, palco de experimentações com textos de Samuel Beckett, Eugene Ionesco, Jean Genet, entre outros.

Julian Beck encarou o fim da experiência no Odeon como mais um episódio da trágica e potente vida anarquista: “a invasão da polícia veio um mês depois, como uma complicada tragédia. Trágica como toda a história da França em maio, como a Espanha, como Kronstadt, como todas as grandes tragédias anarquistas (...)”. Assim, muito antes das críticas de Hakim Bey aos revolucionários, que consideravam os levantes como meras derrotas⁴, Beck,



Paraíso agora!

afastado da noção de fracasso, concluiu: “o teatro daquela primavera na França foi a coisa mais elevada e inebriante que o povo francês deste século já experimentou: eles estavam atuando em grandes papéis (...). A peça estava no auditório, não no palco (...) uma grande obra em 30 dias”.

A tradução deste empolgante texto amplia a publicação pela **verve** de práticas anarquistas no interior do acontecimento 1968 e expõe, em 2016 — ano em que, no Brasil, dezenas de espaços públicos ligados à cultura foram ocupados por jovens militantes — as diferenças vitais de um espaço tomado, transformado, inventado, sob uma perspectiva libertária. Por esta razão, o escrito a seguir, redigido por Beck, na São Paulo de agosto de 1970, não poderia ser mais próximo, presente, quente e vibrante. Paraíso agora, não depois!

Notas

¹ Ilion Troya. “Fragmentos da História do Living Theatre” in *Revista Ecológica*. São Paulo, PUC-SP, v. 12, 2015, pp. 142.

² Idem.

³ Em 2008, o Nu-Sol traduziu e publicou o texto de “Paradise Now” em **verve** 14. Ver <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve14.pdf>.

⁴ “O conceito da TAZ surge inicialmente de uma crítica à revolução, e de uma análise do levante. A revolução classifica o levante como um ‘fracasso’. Mas, para, nós, um levante representa uma possibilidade muito mais interessante”. Hakim Bey. *TAZ*. Tradução de Patricia Decia e Renato Resende. Disponível em http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf (acesso em 18/10/2016).

